

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES DA PRECARIÉDADA DOS CORPOS À GARANTIA DOS DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



MEDEIA E DEJANIRA: agência feminina e construções de gênero na tragédia grega

Darcylene Pereira Domingues¹

Resumo: O presente artigo analisa a categoria de gênero como prisma analítico fundamental para a compreensão das dinâmicas de poder e representação nas tragédias gregas *Medeia* e *As Traquínicas*. A investigação parte de uma genealogia crítica do movimento feminista e de suas transições paradigmáticas, consolidando o conceito de gênero como ferramenta hermenêutica para a desnaturalização de binarismos sociais. Em seguida, o estudo examina as assimetrias de gênero na pólis grega, focando nos mecanismos de visibilidade e silenciamento. Por fim, converge-se para o gênero trágico, compreendido como um espaço de experimentação simbólica. Argumenta-se que a linguagem dramática e a encenação do mito na tragédia grega operavam como vetores de tensão, ora mantendo, ora subvertendo os papéis sociais impostos a homens e mulheres.

Palavras-chave: Gênero. Feminismo Antiguidade. Tragédia Grega. Teoria Feminista.

MEDEA AND DEJANIRA: female agency and gender constructions in Greek tragedy

Abstract: This article analyzes the category of gender as a fundamental analytical prism for understanding the dynamics of power and representation in the Greek tragedies *Medea* and *The Trachiniae*. The investigation begins with a critical genealogy of the feminist movement and its paradigmatic transitions, establishing the concept of gender as a hermeneutic tool for the denaturalization of social binarisms. Subsequently, the study examines gender asymmetries in the Greek *polis*, focusing on the mechanisms of visibility and silencing. Finally, the analysis converges on the tragic genre, understood as a space for symbolic experimentation. It is argued that the dramatic language and the staging of myth in Greek tragedy operated as vectors of tension, at times maintaining and at others subverting the social roles imposed upon men and women.

¹ Graduanda do curso de Biblioteconomia na Universidade Federal de Rio Grande. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História na Universidade Federal de Pelotas. E-mail: darcylenedomingues@gmail.com

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



Keywords: Gender. Antiquity Feminism. Greek Tragedy. Feminist Theory.

MEDEA Y DEYANIRA: agencia femenina y construcciones de género en la tragedia griega

Resumen: El presente artículo analiza la categoría de género como prisma analítico fundamental para la comprensión de las dinámicas de poder y representación en las tragedias griegas *Medea* y *Las Traquinias*. La investigación parte de una genealogía crítica del movimiento feminista y de sus transiciones paradigmáticas, consolidando el concepto de género como herramienta hermenéutica para la desnaturalización de binarismos sociales. A continuación, el estudio examina las asimetrías de género en la *pólis* griega, centrándose en los mecanismos de visibilidad y silenciamiento. Por último, se converge hacia el género trágico, comprendido como un espacio de experimentación simbólica. Se argumenta que el lenguaje dramático y la escenificación del mito en la tragedia griega operaban como vectores de tensión, ora manteniendo, ora subvirtiendo los roles sociales impuestos a hombres y mujeres.

Palabras clave: Género. Feminismo Antigüedad. Tragedia Griega. Teoría Feminista.

INTRODUÇÃO

A gênese dos movimentos feministas e a subsequente teorização sobre a condição feminina remontam às tensões intelectuais dos séculos XVIII e XIX, período em que a universalidade da razão iluminista passou a ser questionada em suas próprias bases. Nesse cenário, Mary Wollstonecraft emerge como figura disruptiva ao publicar, em 1792, *Vindication of the Rights of Woman*. A obra confronta a antropologia filosófica predominante que, embora pregasse a igualdade, frequentemente excluía as mulheres do estatuto de sujeitos racionais. A inovação teórica de Wollstonecraft reside na desarticulação do determinismo biológico. Ao postular que a desigualdade é uma construção pedagógica e política, e não uma determinação natural, a autora antecipa o cerne da distinção contemporânea entre sexo e gênero. Através de sua célebre metáfora botânica, Wollstonecraft (2016) ilustra que a fragilidade feminina, tal qual uma flor em

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



solo infértil, é subproduto de um sistema que cerceia o desenvolvimento intelectual em favor da estética e da domesticidade. Para ela, a educação igualitária surge como o imperativo ético capaz de elevar a mulher à estatura de cidadã virtuosa e autônoma.

Nesse sentido, o presente artigo propõe um diálogo entre a genealogia crítica inaugurada por autoras como Wollstonecraft e a especificidade do mundo antigo. Busca-se investigar como as assimetrias de gênero eram articuladas na *pólis* grega, com especial atenção aos espaços de visibilidade e silenciamento. O foco recai, primordialmente, sobre o gênero trágico, pois compreende-se que as tragédias gregas operavam como espaços de experimentação simbólica onde as tensões de gênero eram levadas ao limite. Assim, analisa-se como a linguagem dramática e a encenação do mito atuavam na manutenção ou na subversão dos papéis sociais impostos a homens e mulheres, utilizando o arcabouço teórico feminista para desvelar as estruturas de poder subjacentes ao teatro clássico.

No século XIX, Harriet Taylor Mill expande esse horizonte ao reivindicar a inserção sistêmica das mulheres na esfera pública e profissional. Para Mill, a opressão feminina é institucionalizada através da dependência econômica e da exclusão política, sendo o sufrágio o instrumento necessário para a conquista da agência feminina. Conforme observa Alves (1985), o feminismo se institucionaliza justamente no rompimento do silenciamento histórico, transformando a tomada de voz coletiva em um ato de resistência e construção de autonomia.

A transição para uma análise sistêmica das estruturas de dominação atinge seu ápice com Kate Millett em *Política Sexual* (1970). Ao postular que o patriarcado constitui uma instituição política e que as relações de poder entre os sexos são o cerne da organização social, Millett (1974) desloca o olhar do âmbito privado para o estrutural. Dessa forma, ao adotar a premissa de que o pessoal é político, este trabalho analisa as tragédias de Sófocles e Eurípides não apenas como manifestações estéticas, mas como discursos cívicos fundamentais fundamentada nos trabalhos de Vernant e Vidal-Naquet (2005). A voz do Coro e as ações das protagonistas são interpretadas, portanto, como atos

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



de resistência e espaços de experimentação simbólica que operam na manutenção ou na subversão da ordem patriarcal e das assimetrias de gênero na Antiguidade.

A complexidade do debate é ampliada com a introdução da interseccionalidade e o refinamento teórico de Gayle Rubin em *O Tráfico de Mulheres* (1975). Ao propor o conceito de sistema de sexo/gênero, Rubin (2017) critica o uso indiscriminado do termo patriarcado, argumentando que a opressão feminina deve ser compreendida através do conjunto de arranjos pelos quais uma sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana. Essa precisão é fundamental para a presente investigação, pois permite distinguir as estruturas específicas de parentesco e poder que regiam a Atenas Clássica de outras formas de estratificação. Para o estudo de Medeia e Dejanira, a perspectiva de Rubin revela-se valiosa ao demonstrar que o corpo feminino e a aliança matrimonial funcionam como moedas de troca em uma economia simbólica onde o masculino detém o monopólio da agência cívica. A vulnerabilidade dessas personagens, portanto, não é uma abstração, mas um subproduto de um sistema que captura a diferença sexual e a converte em normas hierárquicas.

Nesse sentido, a noção da troca de mulheres como ato constitutivo da organização social manifesta-se com clareza nas tragédias aqui analisadas. Em *As Traquínias*, a crise de Dejanira é deflagrada quando sua posição como objeto de troca, estabilizada pelo casamento, é ameaçada pela captura de Íole por Héracles. De modo análogo, em *Medeia*, a protagonista é descartada em favor de uma nova transação política entre Jasão e a linhagem de Creonte. Em ambos os casos, as personagens revelam a precariedade da instituição matrimonial no universo androcêntrico: a aliança estratégica entre homens precede a dignidade e a autonomia da mulher.

Dessa forma, o presente artigo propõe que a tragédia grega atua como o espaço em que as falhas desse tráfico simbólico são expostas a partir do momento que Medeia e Dejanira são substituídas por outras mulheres jovens. Através do arcabouço teórico, busca-se investigar como a dramaturgia de Sófocles e Eurípides não apenas retrata a

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



submissão feminina, mas denuncia as contradições de um sistema de sexo/gênero que, ao tentar converter mulheres em mercadorias políticas, acaba por gerar o colapso trágico da própria *pólis*.

DESENVOLVIMENTO

A consolidação do gênero como ferramenta hermenêutica ganha um contorno definitivo com as contribuições de Joan Scott. Em sua revisão teórica em *Gender and the Politics of History* (1988), Scott amplia a definição de gênero, compreendendo-o não como uma ideia abstrata, mas como o próprio discurso da diferença entre os sexos. Para a historiadora, o gênero é a organização social da diferença sexual, uma estrutura inseparável das instituições, das práticas cotidianas e dos rituais que constituem as relações sociais. Essa perspectiva opera uma inversão fundamental: a diferença sexual deixa de ser a causa originária da organização social e passa a ser entendida como uma construção de sentido. Ou seja, o gênero não reflete uma realidade biológica anterior, mas constrói o significado dessa realidade dentro de contextos históricos específicos. No caso da Atenas Clássica, essa organização social operava sob uma pretensa simbiose entre sexo e natureza, na qual a performance de gênero era rigidamente vinculada ao corpo biológico, confinando homens e mulheres a papéis fixos e protegendo a norma androcêntrica de qualquer desvio.

Entretanto, se no cotidiano da *pólis* o gênero era imposto como um destino natural e inquestionável, é precisamente no espaço liminar da tragédia que esse limite absoluto é tensionado. No palco de Sófocles e Eurípides, as barreiras da natureza são metaforicamente derrubadas. As figuras de Medeia e Dejanira operam como catalisadoras de uma transgressão da passividade, uma vez que suas ações rompem com a conduta submissa tradicionalmente atribuída ao seu sexo. Ao performarem agências que desafiam a estabilidade das categorias vigentes, essas personagens promovem o que se pode chamar de desvelar do artifício: a encenação do colapso das normas de gênero evidencia a natureza construída e instável dessas fronteiras. Ou seja, a tragédia não apenas expõe as

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



tenções sociais, mas corrobora a tese de Joan Scott sobre a mobilidade das estruturas de gênero, revelando que tais divisões, embora apresentadas como rígidas, são fluidas e passíveis de reconfiguração através do conflito dramático.

Neste sentido, segundo Claude Calame (2013), o casamento na *pólis* grega funciona como o mediador das alianças entre os *oikoi*, fortalecendo o tecido social da cidade a partir dos interesses masculinos — dinâmica que se mostra central em ambas as tragédias. Esse processo de reestruturação das casas, que Leduc (1990) situa na gênese da *pólis* a partir do século VIII AEC, redefine o papel da mulher como uma peça estratégica na manutenção do equilíbrio cívico. Contudo, a linguagem dramática permite que esse gênero, antes instrumentalizado, se manifeste como um problema insanável, capaz de subverter as estruturas de poder que pretendiam domesticar os corpos e subjetividades femininas. Essa ruptura entre a norma cívica e a agência trágica torna-se palpável logo nos primeiros versos de Medeia, onde a protagonista desarticula a lógica do matrimônio grego ao declarar: “Dizem que temos vida sem perigo / em casa, mas eles lutam com lança, / por pensar mal; preferiria três vezes / manter o escudo a parir uma só vez. (EUR. *Medeia*. vv. 248-251). Assim, essa lógica funcional compreende a célebre analogia de Vernant (1992), o casamento representa para a mulher o que a guerra significa para o homem — o rito de passagem definitivo e o campo onde se exerce a virtude exigida pela cidade. Se para o guerreiro a glória reside na morte em combate, para a esposa ela reside na entrega ao tálamo e nos riscos do parto. Essa equivalência ética entre o campo de batalha e o leito nupcial é reivindicada de forma contundente por Medeia, que em seu monólogo desconstrói a suposta segurança do ambiente doméstico ao confrontar a coragem bélica com a dor feminina.

Nessa perspectiva, o matrimônio e a guerra operam como os dois pilares da funcionalidade cívica, uma simetria que o discurso de Medeia desvela com lucidez cortante. Nicole Loraux (1981) demonstra que a associação entre o tálamo e o campo de batalha cristaliza-se na noção de morte honrosa: o sacrifício do hoplita pela *pólis* encontra

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



seu correlato no sacrifício da esposa que morre ao parir um novo cidadão. Como observa Loraux através de epitáfios da época, a identidade da mulher no pós-morte permanece submetida à linhagem masculina — mencionando-se o pai e o marido —, provando que mesmo a glória do parto é uma extensão do prestígio do *genos*.

Se em Eurípides a subversão se manifesta através de uma retórica combativa que desafia frontalmente o *status quo* cívico, em *As Traquínias* de Sófocles, o desajuste das normas de gênero opera por uma via distinta, marcada pela internalização do sofrimento. Por outro lado, Dejanira, que espera solitária o retorno de seu marido após longos meses, mantém uma linguagem mais passiva e esperada de sua figura. Ao contrário da rapidez dialógica típica de outras peças sofoclianas, aqui a protagonista ocupa a cena com uma exposição solitária de seus temores domésticos. Essa escolha formal de Sófocles isola Dejanira no espaço público (em frente à casa), transformando seu lamento em um testemunho de sua marginalidade. Contudo, é precisamente sob esse véu de passividade que a mobilidade das categorias de gênero, para retomar o conceito de Scott, se revela de forma trágica: a tentativa de Dejanira de restaurar seu papel de esposa através do filtro amoroso acaba por performar uma agência letal, subvertendo a domesticidade que ela mesma pretendia preservar.

A precariedade do vínculo matrimonial é tamanha que a própria maternidade é descrita por Dejanira como um processo de fragmentação e abandono, onde a linhagem não serve como elo, mas como evidência do afastamento de Héracles, conforme se depreende nos versos subsequentes: “Tivemos filhos, que ele só uma vez / qual lavrador ao lavrar terra distante / viu ao semear e outra vez ao colher. / Tal vida a vir para casa e a ir de casa/ sempre põe o varão a serviço de algo./ Agora que era o termo destas fadigas / neste momento tenho o maior pavor” (*As Traquínias*. vv. 31. 37). Dessa forma, a narrativa inaugural de *As Traquínias* estabelece que a subjetividade de Dejanira é estruturada por um sofrimento perene, derivado de uma união que nunca se consolidou como presença. Sua dor é binária: manifesta-se na melancolia da distância, pela ausência

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIÉDDE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026

Evento híbrido



prolongada do marido, e na angústia da iminência, pelo risco de morte que ronda os trabalhos heroicos de Héracles. Essa dinâmica transforma o matrimônio em um simulacro, onde a esposa habita uma casa que não se torna lar, mas um espaço de espera e incerteza. É precisamente essa arquitetura de isolamento que evidencia as fissuras nas tentativas de controle social sobre o feminino.

Dessa forma, as tragédias selecionadas revelam que a construção do feminino na Antiguidade era uma tentativa sempre precária de conter forças que escapavam ao controle da razão cívica. Para conduzir esta investigação, optamos por um referencial teórico alinhado à vertente pós-estruturalista. Essa escolha justifica-se pelo caráter desconstrutivo dessa corrente, que permite questionar os princípios universais e essenciais que fundamentaram os sistemas de pensamento tradicionais, inclusive na análise da Antiguidade. Contudo, é imperativo reconhecer que a simbiose entre feminismo e pós-estruturalismo é marcada por tensões. Como bem observa Guacira Louro (1995), essa utilização é polêmica; muitas pesquisadoras temiam que a desconstrução do conceito de sujeito pudesse enfraquecer a visibilidade e as lutas políticas de grupos historicamente dominados. No entanto, para os fins deste artigo, tal abordagem não significa o apagamento da mulher, mas o reconhecimento de que o feminino é uma categoria em disputa.

A análise das protagonistas discutidas nesta investigação demonstra como Medeia e Dejanira, a despeito de suas agências trágicas distintas, operam no interior de uma estrutura que lhes impõe uma subordinação sistêmica. A encenação de seus dramas conjugais no palco reflete e corrobora a hipótese central deste trabalho: a de que a instituição do casamento na Atenas Clássica não oferecia garantias legítimas às esposas, deixando-as vulneráveis às flutuações dos interesses masculinos na *pólis*. Melhor dizendo, a tragédia revela que no interior de uma sociedade onde os homens governam, as mulheres, não possuem garantias legítimas de sobrevivência nem dentro do casamento.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



Nesse cenário, segundo Zaidman (1990) a tragédia grega atua como um espaço privilegiado onde a organização social da diferença sexual é não apenas representada, mas radicalmente problematizada. Ao expor as tensões e as contradições do modelo familiar e cívico, o teatro estabelece-se como um poderoso discurso cultural de uma sociedade androcêntrica. Paradoxalmente, o palco utiliza o mito tanto para a autoanálise crítica quanto para a reafirmação das hierarquias de gênero, evidenciando que a ordem social buscava fixar significados rígidos para tentar conter a natureza percebida como disruptiva do feminino - desde o mito de criação da primeira mulher, Pandora.

O arcabouço teórico desta investigação completa-se com as formulações de Judith Butler, cuja obra *Problemas de Gênero* (1990) marca uma ruptura definitiva com o binarismo tradicional. Butler (2015) radicaliza a distinção entre sexo e gênero ao propor que o próprio conceito de sexo, longe de ser um dado biológico bruto, é uma construção cultural e a materialização de uma norma. Ao desnaturalizar tanto os papéis sociais quanto os corpos que os sustentam, a autora oferece uma lente para compreender como a linguagem androcêntrica torna as mulheres o irrepresentável. A grande inovação butleriana reside no conceito de gênero performativo. Para a autora, o gênero não é uma essência interna ou uma identidade estável, mas algo que se faz: uma série de atos, gestos e discursos repetidos que criam a ilusão de uma natureza fixa. Essa perspectiva é crucial para a análise da tragédia, pois permite ler as ações de Medeia e Dejanira como performances que tensionam a inteligibilidade cultural da *pólis*.

Ao romper com a distinção binária entre o sexo biológico e o gênero social, a teoria de Judith Butler permite observar as protagonistas trágicas sob uma nova luz, revelando que aquilo que a *pólis* classifica como natureza feminina é, na verdade, a imposição de uma norma performativa de passividade e domesticidade. Quando Medeia assume uma retórica de guerra ou quando Dejanira interfere ativamente no destino de Héracles, elas não estão apenas mudando de comportamento, mas operando uma performance disruptiva que denuncia a artificialidade dos papéis de gênero impostos pelo

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



sistema androcêntrico, evidenciando que o discurso proferido por ambas atinge justamente a realidade doméstica e particular representada no coro de traquinianas e coríntias que as acompanham. Esse movimento estabelece uma espécie de *paideia* feminina no discurso, na qual a experiência privada e o sofrimento compartilhado entre as mulheres tornam-se ferramentas de educação e subversão, transformando o espaço do lar, antes silencioso, em um palco de contestação política e redefinição da identidade de gênero através da palavra.

Dessa forma, a análise aqui proposta utiliza Butler para demonstrar que a tragédia grega encena o colapso dessa ilusão de estabilidade. O palco trágico torna-se o local onde a performance de gênero falha ou é levada ao extremo, revelando que a ordem social ateniense, embora tentasse se fundar na biologia, era sustentada por uma repetição precária de normas que o mito e o drama ousavam questionar. Para Butler (2015), o conceito de performatividade, núcleo de sua teoria, deve ser distinguido da performance estritamente teatral. O gênero não é um papel assumido voluntariamente por um sujeito preexistente, mas o próprio ato repetido que o constitui. Trata-se de uma submissão a um processo de interação das normas: uma repetição incessante de atos, gestos e falas que, sob a ameaça de punição ou a promessa de reconhecimento social, forjam a ilusão de uma substância natural interna.

Assim, o palco trágico força a audiência a encarar a fragilidade das construções sociais. Se o gênero é uma repetição de atos, a tragédia de Sófocles e Eurípides expõe o que acontece quando essa repetição é interrompida, forçando a ordem política e doméstica a confrontar seu próprio artifício. A realidade histórica da Atenas Clássica encontra ressonância profunda na atuação do Coro feminino nas obras selecionadas. Como observa Blundell (1995), o Coro materializa uma rede de solidariedade que transcende fronteiras políticas: em *Medeia*, as mulheres coríntias pactuam com a estrangeira pela identidade comum de vulnerabilidade no matrimônio; em *As Traquinias*, as jovens de Traquís validam as angústias domésticas de Dejanira. O palco trágico torna-se, assim, um espaço

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



de ressonância da vida privada, dando voz ao coletivo de mulheres que, na realidade histórica, sustentava a comunidade através de resistências silenciosas.

Complementando a base material de Blundell, a análise de Cheryl Anne Cox (1998) desloca o foco para a engenharia das relações de propriedade. O argumento central de Cox é que o status da mulher grega era indissociável de sua função estrutural no *oikos*: ela atuava como a ponte biológica e jurídica necessária para a transmissão da riqueza e da linhagem. Essa função conferia à esposa uma importância sistêmica paradoxal, pois ela era a guardiã de bens que não podia possuir e a transmissora de uma cidadania que não podia exercer. Para esta investigação, a perspectiva de Cox revela-se iluminadora ao demonstrar que a crise das protagonistas nasce precisamente da ruptura de seu papel social como ponte entre linhagens, expondo as fissuras de um sistema onde a dignidade feminina está estritamente vinculada à sua utilidade funcional na manutenção do patrimônio masculino. Medeia, ao ser descartada por Jasão, deixa de ser o elo sucessório e torna-se uma figura obsoleta e perigosa para a estabilidade da nova aliança do herói, o que ecoa em seu lamento: "De todos os seres que têm vida e inteligência, nós, mulheres, somos a criatura mais miserável [...] pois, se um homem se cansa da companhia dos de casa, sai para fora e livra o coração do tédio" (*Medeia*, vv. 230-245). Dejanira, por sua vez, vê sua importância sistêmica desmoronar diante da introdução de Íole, que ameaça sua posição como guardiã da linhagem de Héracles e soberana do lar, expressando seu temor ao dizer: "Vejo a jovem avançar e a minha maturidade declinar; o olho do homem colhe a flor daquela e desvia o pé da minha" (*As Traquínias*, vv. 547-549). Assim, a tragédia encena o momento em que essas mulheres, ao perderem sua função de mediadoras do *oikos*, reagem contra a objetificação, transformando sua exclusão em um ato de destruição que abala os alicerces da *pólis* e do poder masculino.

Para compreender a presença feminina na cena trágica, é fundamental interrogar como a morte opera como demarcador de gênero. Nicole Loraux (1985), em *Maneiras Trágicas de Matar uma Mulher*, argumenta que a tragédia funcionava como um

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIÉDADA DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026

Evento híbrido



laboratório de alteridade, onde as tensões que a norma cívica silenciava eram processadas. Loraux observa que o gênero é definido por uma topografia da morte: enquanto o herói masculino morre na luz da *andreia* (coragem viril) e do campo de batalha, a morte feminina é relegada ao espaço invisível e silencioso do *oikos*.

Entretanto, essa norma sofre fissuras significativas por meio da apropriação de métodos de morte que desafiam as fronteiras entre os gêneros, tornando a análise de Nicole Loraux (1985) sobre o suicídio vital para esta investigação. A autora estabelece uma distinção clara entre o laço e a espada: enquanto o enforcamento é lido como uma morte privada, silenciosa e tipicamente feminina, o uso da lâmina ou do gládio é considerado uma prerrogativa do heroísmo masculino e da morte pública. Em *As Traquínias*, ao optar pela espada para tirar a própria vida em vez do laço tradicional, Dejanira executa um ato de violência que Loraux (1985) classifica como uma apropriação do masculino, uma transgressão final em que a heroína, ao abandonar o instrumento doméstico pela arma do guerreiro, subverte a passividade esperada de seu gênero e reivindica uma autonomia trágica que a retira da obscuridade do gineceu, conforme descrito no relato do mensageiro: "Vemo-la com a espada de dois gumes enterrada no flanco, trespassando-lhe o coração" (*As Traquínias*, vv. 930-931). Ao escolher o leito nupcial, o coração de sua identidade como esposa, para golpear o próprio flanco com o rigor de uma ferida de guerra, Dejanira transforma a esfera privada em um campo de batalha simbólico. Ela não morre apenas como uma mulher reclusa, ela morre com a determinação de um herói. Esse ato expõe a tragédia de uma agência feminina que, submetida ao sistema de sexo/gênero da *pólis*, muitas vezes só encontra autonomia plena no ato da própria destruição.

Enquanto Dejanira busca na morte pela espada uma forma de redenção e entrada no universo heroico, Medeia trilha um caminho de inversão total da ordem divina e social. Após cometer seus crimes, ela não sucumbe ao destino trágico tradicional, mas emerge vitoriosa e triunfante em um carro alado enviado pelo Sol, forçando o ex-marido

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



Jasão a olhar para cima em uma posição de absoluta submissão e impotência. Do alto de seu privilégio divino, ela profere o oráculo da destruição final de Jasão, sentenciando que ele morrerá de forma ingloria, sem descendentes para perpetuar seu nome e esmagado pela sombra de um pedaço do navio Argos, o próprio símbolo de sua glória passada, como afirma a protagonista: "Tu, como é natural, morrerás de morte vil, atingido na cabeça por um despojo da nau Argos" (*Medeia*, vv. 1386-1388). Assim, a lente de Loraux (1985) e a análise da encenação permitem concluir que a morte ou o triunfo trágico não são apenas o fim da personagem, mas o momento em que a linguagem dramática permite ao feminino romper o silêncio, desestabilizar a linhagem masculina e forçar sua entrada definitiva no discurso público da *pólis*, seja pelo sacrifício de si ou pela aniquilação do outro.

Conforme aponta Faria (2008), a obra trágica abre fissuras para múltiplas interpretações ao trazer para o centro do debate político momentos definidores da vida feminina, como a maternidade, o dote e o divórcio. Esses aspectos do cotidiano deixam de ser meros detalhes biográficos e tornam-se elementos de construção simbólica (Baldin; Brito, 2014). No palco, o privado torna-se público: os conflitos do *oikos* ganham dimensões de dilemas éticos que interrogam a própria justiça da cidade.

Essa transposição é fundamental ao considerarmos que, na Atenas do século V AEC, o poder deliberativo era prerrogativa exclusiva da *andréia*, a virtude viril manifesta na bravura militar e na soberania política (Silva, 2017). Enquanto o ideal democrático consolidava a cidadania nos espaços da Ágora e da Assembleia, o feminino permanecia formalmente banido da vida política. Assim, a tragédia atua como um paradoxo: é o único espaço público onde o silenciamento histórico das mulheres é rompido, permitindo que a alteridade radical do feminino exponha as fragilidades e as contradições do próprio sistema democrático e androcêntrico que o sustenta. Conforme postula Vernant (2005), a ação trágica possui um caráter bifronte: situa-se entre a deliberação interna do sujeito — o cálculo racional de meios e fins — e o confronto inevitável com o desconhecido ou a *ananke* (necessidade/destino). Essa clivagem coloca a personagem em uma zona de

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



incerteza onde a vontade pessoal é constantemente desafiada por forças que transcendem o domínio humano.

Essa estrutura dialética é particularmente reveladora para o estudo de gênero quando consideramos que, embora a *pólis* excluísse a mulher do debate racional da Assembleia, a tragédia a incorporava no centro do palco como o agente que personifica o incontrolável. A relevância dessa presença feminina torna-se ainda mais gritante quando observamos a proporção do que restou do teatro grego: estima-se que cada um dos grandes autores possa ter escrito 90 peças ou mais, mas atualmente dispomos de apenas um fragmento desse legado, sendo 7 peças de Ésquilo (considerando a autoria de *Prometeu*), 7 de Sófocles e 19 de Eurípides — e, em todo esse *corpus* remanescente, apenas uma tragédia, *Filoctetes*, não possui uma figura feminina. A ação de Medeia ou de Dejanira, ainda que precedida de uma deliberação racional sobre seus motivos e dores, acaba por desencadear forças que a cidade-estado é incapaz de domesticar, revelando que o teatro era o espaço por excelência onde o feminino, silenciado na política, emergia para expor as fragilidades da lógica masculina e as contradições da própria civilização.

Portanto, o palco trágico torna-se o espaço onde os valores da cidadania masculina são confrontados pelas transgressões do feminino. Através desse embate, o teatro força o público a refletir sobre as fissuras da condição humana e a precariedade das estruturas da *pólis*, revelando que o feminino na tragédia não é apenas um tema, mas o motor dialético que expõe os limites da própria razão cívica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises de *As Traquínias* e *Medeia* corroboraram a hipótese de que a instituição matrimonial androcêntrica operava sob uma lógica de troca e utilidade que destituía a mulher de garantias legítimas. Dejanira e Medeia, cada uma à sua maneira, personificam o colapso dessa mulher-ponte (Cox): enquanto a primeira revela a

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



fragilidade da esposa devotada que, ao tentar restaurar seu *oikos*, acaba por destruí-lo; a segunda encena a ruptura radical de quem, ao ser descartada pelo sistema, apropria-se da *andréia* e da racionalidade estratégica para subverter a ordem cívica.

Através da lente de Loraux, compreendemos que mesmo o ato final dessas protagonistas, o suicídio heroico de Dejanira e o triunfo terrível de Medeia, constitui uma apropriação do discurso público, rompendo o silenciamento histórico imposto ao feminino. A dialética do trágico manifestou-se na tensão entre a deliberação racional dessas mulheres e as forças incontrolláveis que suas ações desencadearam, forçando a *pólis* a confrontar suas próprias contradições e a precariedade de suas hierarquias. Em última análise, este artigo demonstra que o estudo das tragédias de Sófocles e Eurípides, sob o suporte da teoria feminista contemporânea e do pós-estruturalismo, permanece um exercício vital. O palco grego continua a ressoar como um espaço onde o pessoal é político, revelando que a desconstrução das normas de gênero e a busca pela agência subjetiva são lutas que, embora ancestrais, encontram ecos profundos nos embates intelectuais e sociais da atualidade.

REFERÊNCIAS

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. *O que é feminismo*. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Coleção Primeiros Passos).

BALDIN, Elisabete; BRITO, Luciana de. Gênero e Tragédia Grega: a mulher no teatro de Eurípides. *Revista Ártemis*, vol. 18, n. 1, 2014.

BLUNDELL, Sue. *Women in Ancient Greece*. Cambridge: Harvard University Press, 1995.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

BUTLER, Judith. *Corpos que importam: os limites discursivos do sexo*. Tradução de Veronica Daminelli e Daniel Yago Françoli. São Paulo: n-1 edições, 2018.

COX, Cheryl Anne. *Household, Gender, and Property in Classical and Hellenistic Greece*. Princeton: Princeton University Press, 1998.

EURÍPIDES. *Medeia*. Tradução de Trajano Vieira. São Paulo: 34, 2010.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



FARIA, Zenia de. *A mulher no teatro de Eurípides*. Goiânia: Editora da UCG, 2008.

LORAUX, Nicole. *Maneiras trágicas de matar uma mulher*. Tradução de Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, história e educação: a construção do feminino e do masculino. *Em Aberto*, Brasília, v. 15, n. 67, jul./set. 1995.

MILLETT, Kate. *Política sexual*. Tradução de Alice Sampaio. Lisboa: Dom Quixote, 1974.

MILL, Harriet Taylor. *A emancipação das mulheres*. Tradução de Cassiano Terra Rodrigues. São Paulo: Editora Unesp, 2020 (Original de 1851).

RUBIN, Gayle. O tráfico de mulheres: notas sobre a "economia política" do sexo. In: RUBIN, Gayle. *Políticas do sexo*. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

SÓFOCLES. *As Traquínias*. Tradução de Trajano Vieira. Ateliê Editorial: Editora Mnema, 2022.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SCOTT, Joan. *Gender and the Politics of History*. Revised Edition. New York: Columbia University Press, 1999.

SILVA, Lisiana Ledur. *O ideal de virilidade na Grécia Antiga*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017.

SÓFOCLES. *As Traquínias*. Tradução de Trajano Vieira. São Paulo: Perspectiva, 2011.

VERNANT, Jean-Pierre; VIDAL-NAQUET, Pierre. *Mito e tragédia na Grécia Antiga*. Tradução de Anna Lia Amaral de Almeida Prado et al. São Paulo: Perspectiva, 2005.

WOLLSTONECRAFT, Mary. *Reivindicação dos direitos da mulher*. Tradução de Ivania Pocinho Motta. São Paulo: Boitempo, 2016 (Original de 1792).

ZAIDMAN, Louise Bruit. As Filhas de Pandora: mulheres e rituais nas Cidades. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (orgs.). *História das Mulheres: a antiguidade*. Porto: Edições Afrontamento, 1990. p. 411-464.